

À espera da reforma partidária

Villas-Bóas Corrêa

Conta o ex-deputado Nelson Marchezan que, dias atrás, um amigo, escalado para falar numa concentração de empresários em Esteio, no Rio Grande do Sul, pediu-lhe a sugestão de um tema. O ex-presidente da Câmara e em plena militância política, com uma liderança efetiva sobre a seção gaúcha do PDS, não titubeou em indicar como um assunto de ampla receptividade a sustentação da necessidade de um novo partido, moderno na estrutura, com uma clara posição, de firme nitidez democrática e uma aguda sensibilidade social. É ágil, flexível, com um programa capaz de atrair a classe média e transitar pelas faixas da pobreza, sério na sua proposta, empenhado em atividade permanente e não apenas na sazonalidade das campanhas eleitorais.

Marchezan não estava inventando nada. Apenas passava a exigência que vem recolhendo nas suas andanças pelo estado, na consulta e preservação das bases, enquanto aguarda a hora de redesenhar o futuro.

Pois não deu outra. O discurso soprado pelo líder em recesso emplacou um retumbante sucesso e foi aplaudido de pé por uma assistência de mais de cinco mil empresários.

A ansiedade pela reformulação partidária está embrulhada na decepção. O depoimento de Nelson Marchezan é

mais um num seriado que escoo, como mote invariável, nas entrevistas com o povo pelas televisões, rádios e jornais. A onda da frustração nada poupa e nem a ninguém ressalva. É envolvente e mais ampla que a frente desfeita do PMDB. A Constituinte não corresponde às esperanças talvez exageradas, depositadas por uma sociedade já sacudida na sua crença pelo malogro do cruzado. Na calda grossa da Constituinte, enrolam-se as legendas, os parlamentares, a instituição, até a própria proposta de transição. Nada escapa na varredura do desencanto.

Desdobrando a conversa, Marchezan analisa as suas alternativas para encaixá-las na moldura nacional. No Rio Grande do Sul o PDS sobrevive, mantendo uma razoável estrutura que o situa como a segunda legenda do Estado. Parece claro que o futuro vai exigir a reciclagem das siglas. Não satisfaz a Marchezan simplesmente aderir ao PFL ou compor-se com o PL. Ou até acertar-se com o PMDB, pela via de seu bom relacionamento com o governador Pedro Simon. Marchezan aguarda a inevitável reforma partidária, que a Constituinte deverá acelerar.

Prevê que dela venham a emergir um PMDB mais enxuto e coerente, como a legenda governista, e um partido alternativo para o contraditório democrático. Esta é a legenda dos seus sonhos, aglutinando os que hoje se dispõem numina multiplicidade de si-

glas que desunidas se condenam a vegetar, mas juntas, ocupariam o lugar vazio.

A linha fundamental da nova agremiação está traçada. Ela não pode, todavia, amarrar-se a bandeiras exaltadas, como a pura e simples proposta liberal e necessita afinar-se com as necessidades do tempo, com soluções objetivas e sinceras para os problemas que se agravam nas tensões crescentes de uma crise que se aprofunda todos os dias na indigência dos pobres, no aviltante nível ínfimo do salário mínimo e na pauperização da classe média, que, ainda agora, está perdendo o automóvel, inacessível nos preços exorbitantes. A crise une o campo e a cidade no mesmo desespero. No Rio Grande do Sul, o problema da terra para a moradia urbana ou exploração de subsistência rural beira a dramaticidade, adverte para a véspera da desgraça. São 12 mil casas populares invadidas em Porto Alegre; no interior, os conflitos se sucedem e nada sugere a solução.

A Constituinte está sendo decepcionante porque não chega ao povo; a informação de que os seus problemas reais estejam sendo debatidos e que dela possa resultar qualquer alívio ou solução.

Mas não se consolida a democracia sem partidos, com as instituições fragilizadas pela desestima popular. Por isso a Constituinte, além de elaborar uma boa Constituição, necessita reabilitar-se.